

## DON JUAN E A IMPOSSÍVEL ÚLTIMA PÁGINA

*Danielle Assis de Souza\**

### **RESUMO:**

Encontra-se neste artigo uma produção de saber que aborda o homem histérico, fazendo uso da figura sedutora de Don Juan. É importante ressaltar o narcisismo como característica marcante do homem histriônico, abordando também a castração, a qual coloca em cena sua falta e a do outro. Resistindo à frustração imposta pela realidade, o histérico só encontra a sua satisfação sem limites através da fantasia de completude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homem histérico. Don juanismo. Narcisismo. Amor. Fantasia de completude.

---

\* Psicóloga graduada pelo CES-JF. Pós-graduada em *Psicanálise: Subjetividade e Cultura* pela UFJF. Especializanda em *Psicodrama Nível 1* pela SOBRAP- JF, FEBRAP. Atualmente é Psicóloga Clínica da SOBRAP-JF. (32) 91343434. E-mail: danyassisbr@yahoo.com.br

*“Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... Além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!”  
Florbela Espanca*

A histeria é um tipo clínico de neurose que apresenta grande plasticidade na manifestação dos sintomas. Sua originalidade consiste no fato de os conflitos psíquicos inconscientes se exprimirem de maneira teatral e sob a forma de simbolizações através de sintomas localizados no corpo. Na atualidade, ainda observamos o retorno dos sintomas apresentados na época de Freud e outros com novas roupagens, mais sintonizados com nosso marco cultural.

Suscitando um desejo de saber sobre o enigma, a histeria marca a fundação da psicanálise por Freud. É mais comum em mulheres pelo percurso que a mulher tem que fazer rumo ao objeto sexual, que, devido à falta do pênis, é mais complexo, indireto e mais difícil que nos homens.

Contudo, os homens são, com mais frequência do que reconhecemos, histéricos. Observamos, na atualidade, a acentuada presença da histeria masculina, como no caso do don juanismo, tema deste artigo.

Como sabemos, a castração simbólica realizada pelo pai permitirá ao filho tornar-se um ser sexuado e com desejos próprios. Dessa forma, o sujeito desejante é aquele que se deixa marcar sob a barra da castração como falta simbólica de um objeto imaginário que traria a ilusão de plenitude.

Do mesmo modo como a função paterna ocorre na problemática histérica, ela também o faz na estrutura obsessiva, perversa e psicótica, a função paterna é insuficiente. Uma vez que o pai não rompeu a díade mãe-filho, o histérico torna-se o falo da mãe, o desejo do desejo da mãe. Por não conseguir separar-se da mãe, o histérico tenta, regressivamente, voltar a esta díade narcisista.

É importante ressaltar que o objeto de amor do histérico é homossexual e abordado por identificação a um sujeito desejante, cujo objeto está em posição terceira, ou seja, ama-se por procuração. Tendo em vista essa divisão, o histérico banca o homem diante do amor do pai.

No Don Juanismo, nenhuma mulher consegue equivaler ao objeto de desejo do pai. Assim, na busca da figura materna, há, portanto uma busca de definição do pai, do

masculino. A obsessão em possuir a mãe remete diretamente o desejo de desvendar por meio dela a identidade da figura paterna, para de tal modo, identificar-se com seu significante masculino. Portanto, a fixação na mãe consistiria na verdade em uma fixação no pai, tentativa de apossar-se da mãe enquanto elemento por excelência que define e garante a virilidade paterna (Trevisan, 1998).

Segundo Trevisan (1998), a constante mudança de parceiras seria na verdade um gesto de inflação fálica com a finalidade de afirmar a si próprio uma virilidade ameaçada por pulsões homossexuais. Os histéricos erram de carne em carne na busca de alguém com quem se identificar, inscrevendo em seu corpo ou em sua conduta os efeitos e os fracassos simbólicos. A questão que o histérico formula estruturalmente situa-se no nível do ser: ele se questiona acerca do que ele é: homem ou mulher, sujeito ou objeto. O histérico, como o Don Juan aqui falado, busca saber sobre o que é um homem.

Lacan (1969-1970/1992), no *Seminário XVII*, instaura uma nova forma de entender o laço social: o discurso histérico, aquele demandado pelo sujeito da interrogação que faz o mestre não apenas querer saber, mas, acima de tudo, produzir um saber. Na histeria, o desejo é sempre insatisfeito, o histérico recusa o gozo para manter o desejo insatisfeito com o gozo da privação.

O histérico pede ao Outro que lhe dê esse saber, mas a resposta não dura muito tempo, pois o desejo é sempre insatisfeito. Assim, quando o Outro lhe dá o saber, o sujeito não o quer mais, abandona-o para não se satisfazer de alguma forma. Há então, o pedido e a recusa, a idealização e a desvalorização. O recalque torna-se o mecanismo de defesa que o histérico encontra para não saber do seu desejo. Seduz e foge, colocando o Outro diante de um querer desejar, querer saber sobre o enigma, castrando o mestre que ele mesmo elegeu, mostrando que ele não é tão mestre assim.

Quinet (2005) elucida que, na histeria, em relação ao desejo do Outro, há o oferecimento de saber e o furto como objeto de desejo, o histérico: “se oferece e se guarda, oferece e se furta, provoca e escapole” (Quinet, 2005, p.113).

O homem histérico é um homem “fraco”, que não acredita que pode, sentindo-se vitimizado, queixoso, insatisfeito e abandonado. É, por estrutura, bipolar, sujeito de puro desejo que desliza de objeto em objeto (o que se denomina polo maníaco) a objeto de uso do Outro, sentindo-se resto, lixo, abandonado, largado pelo amor do Outro (o que se denomina polo melancólico).

Os elementos que constituem a sintomatologia histórica masculina podem ser descritos como a exibição, a identificação do objeto da ciência sob o modo da ironia trágica, a incapacidade de amar, o sadismo inconsciente do ato sexual, a fascinação pela morte e o desprezo pelas mulheres (Winter, 2001). Don Juan exerce um fascínio sobre as mulheres, contudo, sua obstinação é pela conquista desprezando o objeto. Apresenta assim, uma postura contraditória: despreza e procura a figura da mulher.

Os histéricos são caracterizados como narcisistas, sedutores, amantes intensos e inconstantes (mesmo sofrendo nas relações sexuais) e com um grau variável de homossexualismo e masturbação (Nasio, 1991).

De acordo com Dor (1991), o exibicionismo constitui uma manifestação perversa, frequentemente mobilizada pelo homem histriônico. O fazer parecer, sustentando-se pelo olhar do outro, é então aquilo através do que o sujeito pode gozar fantasmaticamente o juízo que supõe desaprovador ou hostil a seu respeito.

O histérico é um ser insatisfeito, está à mercê do outro. Ele está em recusa do desejo. A cada mulher ele é obrigado a dar exatamente o que ela reclama: ele não tem o direito de errar. Sua pretensa sedução é a docilidade (Winter, 2001).

O sujeito experimenta o desejo como desejo do Outro e, devido a isso, espera ser recompensado por ele. Assim, na histeria, a demanda é sempre ao Outro. O histérico busca ter, receber o amor. Porém, por não conseguir uma plena identificação com o objeto de desejo do Outro, o indivíduo histérico não se sente amado como gostaria, desvalorizando-se e, conseqüentemente, permanecendo insatisfeito. O desejo de aparecer, o desejo de querer agradar é uma demanda de amor e reconhecimento. Isto explica, na histeria masculina, esta tendência essencial à sedução que se constitui como o suporte privilegiado de uma negociação de amor. A fim de ser amado por todos, o homem histérico oferece seu amor sem se poupar. Contudo, o histérico é incapaz de engajar além da sedução, uma vez que não pode renunciar a ninguém, importa-lhe, antes de tudo, receber o amor de todos. Querer ser amado por todos é, sobretudo, não perder nenhum objeto de amor. Encontramos aí um dos componentes importantes da histeria: a insatisfação (Dor, 1991).

Neste contexto, Mezan (1993) esclarece que Don Juan resiste à frustração imposta pela realidade, pois, nesta realidade, o que acontece é que o sedutor conquista e abandona em busca da impossível última página, a qual se afasta em um ritmo muito superior ao do andarilho que persegue. Cada conquista, para ele, é a primeira de uma série que recomeça: “afinal o histérico adora o desencontro que alimenta sua busca voraz de novos

encontros” (Santos, 2008, p. 53). Don Juan não goza com uma mulher a mais inscrita na lista, mas sim com a derrota, podendo-se dizer que cada uma é uma a menos. Os nomes inscritos são nomes de cadáveres. O histérico conhece apenas dois tempos: o passado, que é a realidade, e o futuro, que é o sonho (Winter, 2001).

Mezan (1993) explica que o amor que Don Juan oferece às mulheres é algo que se esgota no instante da conquista, sem jamais ter continuidade, e a reiteração incessante do mesmo gesto conquistador é uma necessidade intrínseca. Don Juan via uma mulher e a amava (vê-la e amá-la como uma só coisa). Don Juan fascina, é um furacão libidinal que não deixa intacto nada em que toca, ele quer deixar sua marca. Mesmo que se relacione sexualmente muito, este homem não transita no que se chamaria de “encontro” com o outro. Pode-se assim dizer que o que importa para este conquistador não é chegar ao ato sexual em si, mas à conquista, sentir que a mulher eleita está sucumbida aos seus pés. É uma relação fugaz, efêmera, sem nenhum compromisso de continuidade. Ele quer alistá-las, não quer sequência, não há cobrança de compromisso. Conquistar é um triunfo para ele, que quer sentir seguro de seu poder dominando as mulheres com seus encantos. O prazer dele não é possuir as mulheres, e sim a sedução delas. O narcisismo tem a propriedade de idealizar seus objetos, de neles projetar uma luz que os faz aparecer como perfeitos à própria imagem do ideal de perfeição que sustenta a vibração narcísica. O desejo de Don Juan enobrece as mulheres e daí nasce o efeito sedutor, porque este desejo as torna diferentes do que eram, até um momento atrás, a seus próprios olhos. Então, o jogo da sedução se enraíza em uma reduplicação do narcisismo tanto do agente quanto do objeto sexual. Don Juan idealiza as mulheres e as elogia de tal forma que sua própria paixão é um gesto de narcisização. Ele quer realizar o desejo das mulheres que cobiça e realizar-se na realização deste desejo, a fim de cumprir seus fins inconscientes e manter um mínimo de equilíbrio narcísico (Mezan, 1993). Na histeria masculina, há exibição de dons e posses. O histérico coloca a parceira como objeto fálico para fazer inveja, exibindo-se narcisicamente ao universo masculino. O don juanismo é uma demonstração de potência, prova de virilidade para os outros homens. A mulher como troféu permite sustentar a rivalidade com os outros homens, aqueles que ele está certo de possuírem o falo.

Na histeria sobra, ato e falta pensamento, se faz para depois pensar no que se fez, sendo que o tempo de compreender é pequeno, pois, o histérico recusa saber sobre a castração, sobre o mal-estar. Mezan (1993) esclarece que, uma vez que o sedutor não se altera quando seduz, o seduzido inscreve a cena em sua memória. A caça carregará para sempre a

falta que advém da sua derrota. O seduzido é alguém que se torna portador de um “a menos”. O histérico oferece o corpo para que o Outro goze. Sabe que é responsável por esta sedução, que participa da cena, pois faz o outro desejar, mas a culpa do sofrimento é sempre do Outro.

O que está em jogo na sedução é a captura do outro, através do auto-oferecimento como único e impossível objeto, através da promessa de ser tudo para o outro e que o outro será tudo para o sedutor. Mas tal reparação é impossível, tanto de um lado como de outro, visto que ninguém preenche o outro, e a realidade é algo que vai demonstrar falhas, algo sempre vai faltar. O sedutor busca, no subjugar o seduzido, a sua própria alma, mas de maneira tal que perde a sua e a do outro (Mezan, 1993).

Seduzir é tornar-se senhor do desejo do outro, para proibir-se de ser desejante e proibir a si próprio o desejo, porque este desejo seria uma falha. Ser seduzido é deixar-se escravizar ao desejo do outro para não precisar desejar mais nada. (Bertrand, apud Mezan, 1993, p.41).

Temos o conhecimento de que o amor leva em consideração tanto o sentimento de ternura quanto o da realização da corrente sensual (Freud, 1912). Dessa forma, um comportamento “normal”<sup>1</sup> seria aquele onde se ama e se deseja a mesma pessoa, aceitando a frustração da falta que é constitucional a todos nós. Todo encontro é um encontro faltoso, é um reencontro. E todo reencontro é também faltoso. Assim, a dificuldade amorosa no don juanismo consiste em amar e desejar a mesma pessoa, remetendo ao seu desejo incestuoso pela mãe, recusando-se à posição de pai, de representar o desejo do pai por sua esposa.

Kepler (1994) destaca que homens e mulheres pensam que se relacionam entre si, quando, na verdade, se relacionam com o falo, com o que falta. Esclarece que, diante da impossibilidade de complementação entre os sexos (a busca dessa relação sempre resulta em um encontro faltoso), o homem apela para a fantasia. Torna a mulher objeto de sua fantasia e, com essa estratégia, procura driblar a falta de unidade buscada. A angústia do sedutor procede o desejo e é expressa através do excesso. Buscando sempre um novo objeto a fim de tentar tamponar a falta, Don Juan encontra-se fixado na mãe e escreve em seus atos a busca pela satisfação primordial, manifestada pela fantasia de completude, na procura do objeto ideal, de plena identificação. Idealiza por não querer chegar ao furo, a incompletude do outro. Para manter o desejo enigmático, ou idealiza o objeto, ou se identifica ao nível imaginário com um

---

<sup>1</sup> FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (1912) In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: v.11, p.174, Imago, 1970.

eu - ideal. Sabemos que a satisfação é sempre parcial e que o desejo não cessa. A satisfação almejada pelo sedutor não existe, uma vez que todos os objetos são faltantes, não existe plenitude. Ainda que o objeto cause desejo, quem mantém o desejo é a fantasia em relação a esse objeto, pois o que o objeto assinala é uma falta. O Outro da demanda não existe, pois o Outro é um ser-em-falta, que aponta para a falta da totalidade. Assim, não existe a satisfação do desejo na realidade, todo gozo é insatisfeito; nada que alguém possa querer é suficiente para satisfazer o desejo. É necessário que haja uma falta para que haja desejo, pois o desejo é sempre desejo de um objeto perdido. Se o mundo fosse completo, as pessoas não teriam desejos. O amor é falho e o desejo só funciona em relação a essa falha. Por conseguinte, se o que falta ao amante o amado não tem para oferecer, só restam duas saídas para o sujeito no amor: desejar ou gozar com o sofrimento.

Lejarraga (2002) enfatiza que “o amor implica uma experiência de decepção, de sentir na própria carne a impossibilidade de viver em êxtase ou de atingir a plenitude, narcísica” (Lejarraga, p.101, 2002).

Qualquer relacionamento passa jogo de projeções, em que vemos naquele que nos atrai o que está em nós, o que faz parte de nossa história. O encontro com o objeto é, na verdade, o reencontro.

Consequentemente, quanto mais neurótico for o sujeito, mais o momento atual está contaminado por suas distorções e pela necessidade urgente de curar as feridas ou satisfazer os desejos, oriundos de sua infância. Para amar, é preciso saber primeiro quem se é, pois, quem não percebe a si mesmo não percebe o outro. Assim, quando o sujeito está com seus conflitos resolvidos, projeta menos, olha o objeto amoroso como ele é.

Enquanto não superarmos a ânsia do amor sem limites, não podemos crescer emocionalmente. Enquanto não atravessarmos a dor de nossa própria solidão, continuaremos a nos buscar em outras metades. Para viver a dois, antes, é necessário ser um.

(Poema atribuído a Fernando Pessoa)

O amor tem a força de ver com maior clareza e maior profundidade, permite enxergar o outro e amar a sua pessoa, aceitando as imperfeições inerentes a todos os seres humanos, respeitando o valor pessoal de cada um; amamos as pessoas apesar e até por que.

A solidão acaba por oferecer, no don juanismo, um gozo solitário, autista, sendo a mulher denegada enquanto objeto de amor. Como a satisfação sem limites só é

encontrada através da fantasia, ele vive seus dias fantasiando o futuro, seu sonho de completude: “a impossível última página”.

Rilke nos afirma que o amor consiste nisto: “duas solidões que se protegem, se tocam e se acolhem” (Rilke, p.45, 1995). Solidão falada como palavra que se refere ao vazio, à falta.

Don Juan é um errante no amor, uma vez que amar remete à castração (um não terá e não será o que falta ao outro), faz defrontar-se com um outro desejante, distinto, com as diferenças e o respeito à alteridade.

Miller (2008) cita Lacan: “Amar, é dar o que não se tem”, que amar é reconhecer sua falta e doá-la ao outro, colocá-la no outro. Não é dar o que se tem, os bens, os presentes: é dar algo que não se possui, que vai além de si mesmo. Para isso, é necessário se assegurar de sua falta, de sua "castração", como escreveu Freud.

De tal modo, o diálogo que conduz ao amor, que dá a cada um a vontade de se arriscar, não surge da sedução e do charme, mas da coragem de nos apresentarmos por nossas falhas, feridas e perdas (Calligaris, 2009).

Quando a escolha amorosa tem seu caráter repetitivo e passa a ser um sintoma, como no caso do don juanismo, é a partir da análise, que o sujeito passa a desidentificar-se e é liberado das restrições que a repetição impunha a suas escolhas de objeto. Concluimos que a análise serve para que o sedutor descubra que sua capacidade de amar não precisa ficar sujeita às artimanhas da sedução. Também permite a conscientização de que não existe paraíso, de que todos sofremos e de que ninguém é tudo para o outro como objeto de amor (Mezan, 1993).

Contudo, a consciência não basta, temos a liberdade de escolher se assim ou de outra maneira, como sujeitos podemos decidir pelo nosso bem, ou pelo nosso mal. Encontramos aí a responsabilidade ética do desejo do sujeito. Lacan articula que a lei do amor entre os sexualmente diferentes seria o eixo de uma ética da responsabilidade pela solidão essencial de cada um (Lacan, 1998). A *ausência assimilada*<sup>2</sup> permite lidar melhor com o mal-estar, colorindo a vida é que a angústia torna-se mais suportável, encontrando alegria no que se tem, não no que se falta porque algo sempre faltará. Que se abra um furo nesse romance com a completude, pois só faltando ser é que o sujeito pode vir -a- ser.

---

<sup>2</sup> Termo fazendo referência ao poema Ausência de Carlos Drummond de Andrade.

## Referências

- CALLIGARIS, C. *Amores e mudanças*. Disponível em: <<http://contardocalligaris.blogspot.com/2009/06/amores-e-mudancas.html>> Acesso em: 10 set. 2009, 16:30.
- DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1991.
- DRUMMOND, C. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ESPANCA, F. *Sonetos Completos*. Edição com estudo crítico de José Régio. Portugal: Bertrand/Amadora, 1981.
- PESSOA, F. *Fernando Pessoa*. Disponível em: <[http://pt.wikiquote.org/wiki/Fernando\\_Pessoa](http://pt.wikiquote.org/wiki/Fernando_Pessoa)> Acesso em: 27 set. 2009, 16:30.
- FREUD, S. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Rio de Janeiro: v.11, Imago, 1970.
- KEPLER, S. *Desejo de mulher*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LACAN, J. *O Seminário 17. O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário 23. O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LEJARRGA, A.L. *Paixão e ternura: Um estudo sobre a noção do amor na obra Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- MILLER, J.A. *A psicanálise ensina alguma coisa sobre o amor?* Disponível em: <<http://significantess.blogspot.com/2009/11/psicanalise-ensina-algumacoisasobre-o.html>> Acesso em: 10 set. 2009, 16:00.
- MEZAN, R. *A Sombra de Don Juan e Outros Ensaio*s. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- NASIO, J.D. *A histeria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- QUINET, A. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- RILKE, R.M. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1995.
- SANTOS, T. *Do desejo do analista ao parceiro sinthoma*. Belo Horizonte: Curinga, v. 27, p. 51-56, 2008.
- TREVISAN, J.S. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- WINTER, J. P. *Os errantes da carne*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

## DON JUAN AND THE IMPOSSIBLE LAST PAGE

### ABSTRACT:

In this article there is a production of knowledge that approaches the masculine hysteria, using the seductive figure of Don Juan for this purpose. It is important to emphasize the narcissism as an outstanding characteristic of the histrionic man, and also to approach the castration, which brings up his lack and the lack of the others. Resisting the frustration imposed by reality, the hysteric only finds satisfaction without limits through his fantasy of completeness.

**KEYWORDS:** Masculine hysteria. Don juanism. Narcissism. Love. Fantasy of completeness.

## DON JUAN ET LA PAGE IMPOSSIBLE DERNIER

### RÉSUMÉ:

Dans cet article, il y a une recherche qui aborde l'homme hystérique, en faisant l'usage de la figure séducteur de Don Juan. Il est important se rendre à l'évidence le narcissisme comme une caractéristique marquante d'homme hystérique, en abordant aussi la castration, dont mise en scène sa manque e la d'outre. Quand résiste à la frustration imposée par la réalité, l'homme hystérique seulement rencontre la sienne satisfaction sans limites à travers de la fantaisie de la completude.

**MOTS-CLÉS:** Homme hystérique. Don juanisme. Narcissisme. Amour. Fantaisie de la completude.

Recebido em 02/07/2010  
Aprovado em 19/10/2010

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*  
[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)